

A FORMAÇÃO DOS SINAIS EM LIBRAS NA PERSPECTIVA FONOLÓGICA

2

THE FORMATION OF SIGNS IN LIBRAS FROM A PHONOLOGICAL PERSPECTIVE

LOUBET, Maurício

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

E-mail: mauricio.libras.ufms@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0178-6669>

OLIVEIRA, Ailton Souza de

Doutor em Educação

Professor de Educação Especial do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: ailtonoliveira9909@yahoo.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2321-8112>

RESUMO

Por muito tempo as línguas de sinais foram desconsideradas como língua, entrelaçadas em concepções que as consideravam como mímica, icônica e animalesca. Diante dessa perspectiva, estudos linguísticos foram germinados, principalmente, no campo da fonologia, garantindo cientificamente o status linguísticos das línguas de sinais. Objetiva-se, então, com a presente pesquisa, justificar com discussões teóricas o uso terminológico para designar a ciência que estuda os constituintes fonológicos que compõem os sinais e, além disso, descrever e exemplificar os parâmetros formacionais dos sinais em Libras. Os resultados apontam que os sinais são constituídos por: 1) configuração de mão (CM); 2) Movimento; 3) Locação/Ponto de Articulação (L/PA). Dessa maneira, com a pesquisa apresentada, conclui-se que a Libras é uma língua natural, viva e, principalmente, está em constante evolução. Denotando que a quantidade dos sinais é ilimitada, o que abre espaço para o surgimento de novos sinais, com outras perspectivas fonológicas.

Palavras-chave: *Libras. Fonologia. Sinais*

ABSTRACT

For a long time, sign languages were disregarded as language, intertwined in conceptions that considered them as mimicry, iconic and animalistic. In face of this perspective, linguistic studies were germinated, especially in the field of phonology, scientifically guaranteeing the linguistic status of sign languages. Therefore, this research aims to justify with theoretical discussions the terminological use to designate the science that studies the phonological constituents that make up the signs and, in addition, to describe and exemplify the formational parameters of the signs in Libras. The results point out that the signs are made up of: 1) hand configuration (CM); 2) Movement; 3) Location/point of articulation (L/PA). Thus, with the research presented, it is concluded that Libras is a natural language, alive and, especially, is constantly evolving. Denoting that the quantity of signs is unlimited, which opens space for the emergence of new signs, with other phonological perspectives.

Keywords: *Libras. Phonology. Signs*

INTRODUÇÃO

De forma equivocada, algumas pessoas acreditam que a língua de sinais é universal, sendo, assim, igual em todas os países. Essa ideia compõe um dos mitos a cerca de tal língua, pois a comunidade Surda de cada país desenvolveu o seu próprio sistema linguístico para estabelecer a comunicação em: Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), Língua Britânica de Sinais - British Sign Language (BSL), Língua Gestual Portuguesa (LGP), Língua Boliviana de Señas, Língua Americana de Sinais – American Sign Language (ASL) e entre outras.

Antes dos estudos linguísticos das línguas de sinais serem realizados, muitas pessoas, se quer, consideravam as línguas de sinais como línguas a ponto de os sinais serem considerados como qualquer coisa, exceto como constituinte linguístico, como por exemplo: 1) mímicas; 2) desenhos no ar; 3) linguagem animalisca utilizada pelos chimpanzés entre outros aspectos perjurativizados (GESSER, 2009).

Ao considerar a as línguas de sinais como mímica, percebe-se um profundo preconceito que ultrapassa as discussões de sua autenticidade linguística, pois esse posicionamento está associado à visão subjetiva de ouvintes em relação aos Surdos: discursos calcados na anormalidade pontuando que o máximo que tais sujeitos conseguem

é uma comunicação mímica cujo sentido é apreendido apenas entre os próprios Surdos (GESSER, 2009). Surge assim, o sentido depreciativo, isto é, as denominações erroneamente impostas à tais sujeitos como: mudinho, anormal, surdo-mudo, deficiente, débil mental etc.

Nesse mesmo direcionamento, presume-se que os sinais são, exclusivamente, icônicos; tal crença está relacionada à modalidade espaço visual que elas apresentam (GESSER, 2009). Embora haja uma grande recorrência de iconicidade em alguns sinais, como ocorrem com os sinais referentes a alguns verbos e substantivos: beber, comer, escrever, telefone, casa, avião etc.; convém destacar que as circunstâncias icônicas também estão presentes nas línguas orais auditivas (como exemplo, temos toque-toque, ziguezague, tique-taque etc.).

Quanto a comparação discriminatória e muito distorcida das línguas de sinais com a linguagem animal utilizada pelos chimpanzés, Lane (1984) resgata o posicionamento iluminista que o que nos torna mais humanos é falar uma língua. Dessa maneira, os Surdos eram considerados selvagens e complicadores para a definição humana, haja vista que eram reconhecidos como sem língua e, imutavelmente, mudos.

Apenas com o desdobramento de um sistema de notação capaz de representar a estrutura interna dos sinais é que as línguas de sinais foram validadas como língua. Hoiting e Slobin (2002) destacam que os estudos iniciais realizados por William Stokoe, em 1960, tendo como base a Língua Americana de Sinais (ASL).

Percebe-se, nesse sentido, o quanto as pesquisas abarcando as línguas de sinais são recentes o que denota, de certa forma, a emergência de se realizarem estudos com a premissa de apresentar descrições fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas.

Sabendo disso, o artigo propõe discussões teóricas no sentido de justificar o uso terminológico para designar a ciência que estuda os constituintes que compõem os sinais, bem como descrever e exemplificar os parâmetros formacionais dos sinais em Libras.

É pertinente elucidar que os termos “línguas de sinais” são abrangentes e correspondem às diversas línguas de sinais, com estruturas linguísticas diferentes umas das outras. Quando, na pesquisa, for mencionado língua de sinais o sentido é amplo, referindo-se às línguas de sinais do mundo todo. Enquanto que, ao citar Libras, o contexto é mais específico: a língua de sinais de origem brasileira.

Prometi (2020) define a fonologia é como o ramo da linguística que investiga a maneira como os falantes são capazes de identificar os conjuntos de sons organizados na língua oral e que os possibilita a comunicação. No campo fonológico, as línguas representam os fonemas/sons materializados pela articulação da fala.

Ainda nessa esteira conceitual, Saussure (1995) alude que a fonologia não se concentra nos eventos físicos em si, mas pelas oposições existentes entre as unidades abstratas que são funcionais no interior do sistema linguístico. Sendo assim, a fonologia é, segundo Coelho (2010), a ciência que estuda os sons de uma língua em sua funcionalidade no sistema comunicativo.

Logo, sendo a fonologia a ciência que investiga os sons que formam as palavras de uma língua, é correto considerar que fonologia seria a ciência responsável por investigar e descrever os constituintes que formam os sinais.

Frente à perspectiva de trazer à tona reflexões atinentes a essa questão e de descrever os parâmetros que formam os sinais, na seção a seguir, serão abordadas questões históricas dos estudos linguísticos de tal língua.

1. A PERSPECTIVA HISTÓRICA DA FONOLOGIA DA LIBRAS: ENTRE PONTOS E CONTRAPONTO

Em 1960, o linguista Willian Stokoe (1960 apud MARINHO, 2014), intrigado com os movimentos contrários às línguas de sinais, iniciou as primeiras investigações que comprovaram que os sinais não são simples gestos e, principalmente, que não são constituídos de forma aleatória. Muito pelo contrário, são rígidos por normas e organizados por uma estrutura linguística complexa.

O autor demonstrou que os sinais “respeitam” regras para a sua formação possuindo restrições na articulação. Com essa feita, Stokoe é popularmente conhecido como o pai das línguas de sinais, assim como Ferdinand Saussure é considerado o pai da linguística.

Na investigação realizada por Stokoe, foi identificado que ASL contém um sistema linguístico com estruturas muito diferentes da língua oral e que as unidades distintas formam os itens lexicais que constituem a base sinalizatória (HOITING, SLOBIN 2002).

Nessa esteira lógica de raciocínio, Stokoe (1960, apud MARINHO, 2014) constatou que o alfabeto manual não é a língua de sinais, em outras palavras, o alfabeto manual não é base principal que forma os

sinais, haja vista que a soletração manual (datilologia) é, tão somente, a representação codificada manualmente da palavra escrita realizada por meio de normas de uma língua oral e não pelas regras de um sinal oriundo da língua de sinais.

Além de ser o primeiro a desbravar o campo das pesquisas linguísticas em ASL, Stokoe (1960) foi o pioneiro na descrição das unidades mínimas dos sinais. Com a decomposição dos sinais, foi observado que eles são formados por três parâmetros, aspectos ou constituintes que, por apresentarem características específicas e distintivas, não geram significados isoladamente.

Na primeira edição da obra *“Sign Language Structure”* (STOKOE, 1960), o citado pesquisador elucidou que os sinais da ASL são formados pelos seguintes constituintes: 1) *Handshap* – configuração de mão (os formatos que as mãos assumem durante a produção dos sinais); 2) *Location* – Localização (os lugares onde o sinal é realizado tendo como referência o corpo); 3) *Movement* – Movimento (o tipo de deslocamento da mão e do corpo ao sinalizar).

Esses constituintes, diferentemente dos constituintes que formam as palavras nas línguas orais, são nomeados como “quiremas” e não fonemas, cabendo, então, à “quirolologia” (termo oriundo do grego que significa mão) descrever as combinações de tais parâmetros (HOITING, SLOBIN 2002). Tal assertiva se é sustentada pelo ponto de vista que as línguas de sinais são produzidas por traços manuais e não orais.

Porém, na segunda edição da obra *Sign Language Structure* (STOKOE, 1960), o autor desconstrói seu posicionamento inicial ao admitir o uso dos termos “fonema” e “fonologia” aplicados à ASL, tendo em vista que a configuração de mão, o movimento e a locação são análogos formais dos fonemas que formam as palavras nas línguas orais.

Refletindo sobre essa mudança terminológica e defendendo que os níveis de análise linguística são análogos, Amaral *et al* (1994) declara que por um viés de facilidade de terminologia e, principalmente, para salientar a legitimidade linguística das línguas de sinais, adotou-se o uso de fonologia, inclusive, para tais línguas.

Dessa maneira, Quadros e Karnopp (2004, p. 28) explicam que a “fonologia da língua de sinais objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e exploratórios”.

Para tanto, conforme Quadros e Karnopp (2004), a fonologia das línguas de sinais é encarregada de: 1) estabelecer quais são os componentes na formação dos sinais; 2) identificar quais são os modelos possíveis de combinação; 3) explorar os traços distintivos de significado.

Alguns fonologistas sustentam a ideia que independente da modalidade que uma língua apresenta, todas, sem distinção, “são produtos do cérebro humano e têm a mesma função” (QUADROS; KARNOP, 2004, p. 65). Nessa perspectiva, ao assumirmos o posicionamento de que as línguas de sinais não apresentam fonologia, mas, sim, quirologia: poderemos estar diminuindo o seu valor.

As línguas de sinais são reconhecidas com modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), considerando-se que os enunciados são produzidos por traços manuais e captados pela visão, enquanto que as línguas que não apresentam essa modalidade linguística na produção, são orais auditivas, haja vista que são produzidas por traços orais e percebidas pela audição.

Mesmo com essa diferença existentes nas modalidades entre as línguas de sinais e línguas orais, o uso terminológico “fonologia” é utilizado para envolver os estudos científicos que abarcam a formação, combinação, variação e restrição dos constituintes dos sinais.

Posto isso, na seção seguinte, serão descritos e exemplificados os constituintes basilares para a formação e produção dos sinais, isto é, serão elucidados os articuladores para a produção dos sinais e parâmetros para a sinalização

2. FONOLOGIA DA LIBRAS: OS CONSTITUINTES QUE FORMAM OS SINAIS

Os itens lexicais mínimos, também conhecidos como parâmetros e constituintes são os formadores dos sinais na Libras. Bem como as palavras possuem regras para sua formação, isto é, enquanto que, nas línguas orais, existem palavras que são consideradas como agramaticais por não respeitarem regras relacionadas a sua reestrutura. O mesmo ocorre nas línguas de sinais se, na formação dos sinais, não for atendido os constituintes que os compõem.

Dessa maneira, sem exceção, todas as línguas apresentam um léxico que formam seu conjunto linguístico. Nas línguas orais essa formação ocorre com as palavras e nas línguas de sinais com os sinais. No contato dos falantes de uma língua com os falantes/sinalizantes de outra língua as palavras são representadas por sinais e vice-versa.

Stokoe (1960), ao investigar a formação dos sinais da ASL, identificou 19 configurações de mãos (CM), 12 localizações (L) e 24 tipos de movimentos (M). Esse feito gerou uma notação que, até então, como já destacado, nunca antes registrada e, principalmente, direcionou a terminologia dos constituintes para a formação dos sinais investigado pela fonologia.

Quadros e Karnopp (2004) salientam que cada língua de sinais apresenta um delimitado número de CM envolvidas pelo seu sistema linguístico e nem todas as línguas de sinais comungam do mesmo rol de CM. No caso da Libras, inicialmente foram apresentadas diferentes propostas que serão explanadas posteriormente.

Antes de abordar as questões pertinentes às CMs, faz-se necessário explicar às propriedades articulatórias dos sinais. Para tanto, compreende-se que:

Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a esquerda; tal mudança, portanto, não é distintiva. Sinais articulados com uma mão são produzidos pela mão dominante (tipicamente a direita para destros e a esquerda para canhotos) (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 51).

Nesse sentido, a seguir, na figura 1, é mostrado o sinal de “febre” articulado com a mão direita; já na figura, aponta-se o mesmo sinal, porém articulado com a mão esquerda. A figura 3, por sua vez, representa o sinal de morrer realizado com a mão esquerda e a figura 4 o mesmo sinal, mas com a mão direita. Percebe-se que a mudança dos articuladores, mão esquerda e mão direita, não alteraram o significado.

Figura 1

Figura 2

Febre

Febre



Fonte: Caphovilla e Raphael (2001)

Figura 3



Morrer

Figura 4



Morrer

Fonte: Caphovilla e Raphael (2001)

Para exemplificar os sinais produzidos com os dois articuladores simultaneamente, a figura 5 representa o sinal de casa e, a figura 6, o sinal de televisão.

Figura 5

Casa



Figura 6

Televisão



Fonte: Caphovilla e Raphael (2001)

Diante dessas elucidações e exemplificações, observa-se que a Libras, assim como as demais línguas de sinais, é produzida, principalmente, pelas mãos. No entanto, o corpo e o rosto também desempenham funções específicas. Os constituintes dessa língua são: 1) Configuração de Mão; 2) Locação/Ponto de Articulação (L/PA); 3) Movimento (M).

Na perspectiva de ilustrar os constituintes fonológicos da Libras, a figura 7 representa o sinal de “tomar-com-o-copo”, com a configuração de mão em C, locação a “boca” e movimento semicircular, conforme pode-se observar a seguir:

Figura 7



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004

De forma mais específica, é conveniente elucidar o primeiro constituinte fonológico: as CMs. Sendo assim, Faria-Nascimento (2009) esclarece que as CMs correspondem aos formatos que a mão assume durante a sinalização. Portanto, pondera-se que tais configurações de mãos não se limitam ao alfabeto manual, elas muito além deles.

Na década de 80, a linguista Lucinda Ferreira-Brito foi a primeira a desbravar o campo de estudo sistemático da organização das CMs da Libras. Ferreira-Brito (1995) identificou 46 CMs, agrupando-as em 19 grupos conforme mostra a figura 8:

Figura 8

Configuração de mão



Fonte: Ferreira-Brito, 1995

Em contrapartida, a figura 9 apresenta 61 Cms, um número maior das identificadas por Ferreira-Brito, descritas por Pimenta (sd. Apud FARIA-NASCIMENTO, 2009):

Figura 9

Configuração de mão



Fonte: Pimenta sd. Apud Faria-Nascimento, 2009

Por outro lado, com uma nova proposição, Felipe (2005) propõe, ao invés de 61 CMs, 64 CMs como evidencia a figura 10:

Figura 10

Configuração de mão



Fonte: Felipe, 2005

Frente à diferença no número de CMs apresentadas pelos linguistas supramencionados, não há um número consensual estabelecido pelos autores estudados. Conseqüentemente, pode-se considerar que há urgência de realizar estudos não delimitados às manifestações de superfície fonológica, isto é, desenvolver estudos mais aprofundados contemplando várias capitais brasileiras entrelaçando as variações linguísticas que a Libras apresenta.

No que concerne o segundo constituinte fonológico, a locação, também conhecida como ponto de articulação, compreende o “espaço em frente ao corpo ou a uma área do próprio corpo, em que os sinais são articulados (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 37). Isto é, o referido parâmetro engloba o:

Lugar onde incide a mão configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até a cabeça) e horizontal (à frente do emissor) (FELIPE; MONTEIRO, 2001, p. 22)

Ainda nesse horizonte de definição do constituinte fonológico Locação/Ponto de Articulação, Ferreira-Brito (1995) alude que alguns locais onde os sinais são postos apresentam precisão, como ocorre com o sinal “rei” (figura 11), articulados sobre a cabeça, e o sinal de fumar (figura 12), produzido na boca. Outros, todavia, são mais abrangentes como, por exemplo, o sinal “trabalhar” (figura 13) e “mudar” (figura 14) na frente do tórax.

Figura 11

Rei



Figura 12

Fumar



Fonte: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/779/Libras%20AULA%200>

Figura 13

Trabalhar



Figura 14

Mudar



Fonte: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/779/Libras%20AULA%200>

No que tange o terceiro parâmetro, Strobel e Fernandes (1998) conceituam o movimento como “o deslocamento da mão no espaço” durante a relação do sinal. Ferreira-Brito (1995), por sua vez, afirma que o movimento pode ocorrer não somente nas mãos, mas inclusive, nos pulsos e antebraços. Observamos, a seguir, alguns exemplos do parâmetro mencionado.

Os movimentos unidirecionais são os que percorrem apenas uma direção no espaço enquanto os sinais são executados (STROBEL; FERNANDES, 1998). Como exemplo de tal movimento, enfatizamos os sinais sentar, na figura 15, e mandar, conforme expõe a figura 16:

Figura 15

Sentar

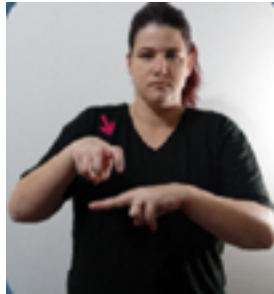
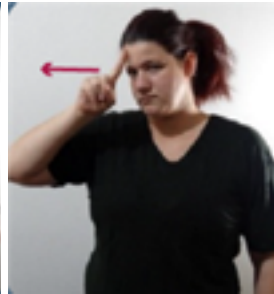


Figura 16

Mandar



Fonte: <http://aevg-libras-portifolio.webflow.io/unidade-1>

Já os movimentos bidirecionais estão presentes nos sinais efetuados com uma ou duas mãos, em duas direções diferentes (STROBEL; FERNANDES, 1998). Assim sendo, destacamos os seguintes sinais que apresentam o explicado movimento, dirigir-carro (figura 17) e discutir (figura 18):

Figura 17

Dirigir-carro

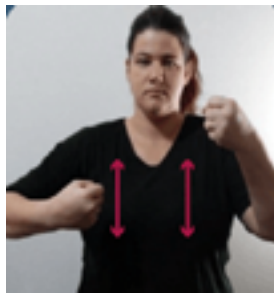
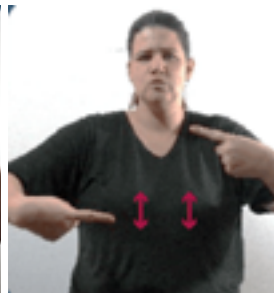


Figura 18

Discutir



Fonte: <http://aevg-libras-portifolio.webflow.io/unidade-1>

Com base na constituição fonológica da Libras, conforme abordado anteriormente, os sinais são formados por articuladores: as mãos. As mãos, nesse caso, denotam grande importância na produção de enunciados sinalizados. Podendo, então, assumirem diversas configurações de mãos (CMs), movimentando-se no espaço enunciativo, alocando-se em diversos pontos de locação/articulação.

CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES

No trajeto promovido neste estudo, buscou-se delimitar um percurso no viés da fonologia da Libras, objetivando, então, justificar o uso terminológico de tal ciência na investigação dos constituintes fonológicos dos sinais, bem como descrevê-los e exemplificá-los.

Para tanto, foram apresentadas definições para o uso do termo fonologia num contexto restrito de línguas orais e, num sentido mais abrangente, envolvendo também às línguas de sinais. Além disso, foi apresentada uma breve descrição e exemplificação dos constituintes fonológicos tendo como base as pesquisas promovidas por linguistas da área.

No que concerne à estrutura das línguas de sinais e das línguas orais, ambas apresentam as mesmas propriedades comunicativas, porém se diferenciam substancialmente na sua constituição e modalidade. Enquanto que as orais são produzidas na modalidade oral auditiva, as de sinais na modalidade espaço visual.

Apesar das reconhecíveis diferenças existentes entre línguas de sinais frente às línguas orais, o termo fonologia é utilizado nos estudos dos constituintes basilares das línguas de sinais.

Percebe-se, então, como qualquer outra língua, a Libras pode ser investigada a partir da perspectiva física, como unidade articulatória e, inclusive, do seu funcionamento, com a descrição e organização que geram significado.

Em suma, considera-se que, nesse sentido, os constituintes fonológicos da Libras são produzidos, diferentemente das línguas orais, simultaneamente, representados da seguinte maneira: CMs (configuração de mãos), M (Movimento) e L/PA (Locação ou Ponto de articulação). Esses constituintes fonológicos apresentam pertinência na formação dos sinais e, assim, não geram significados, na Libras quando articulados isoladamente.

Assim, com a análise fonológica da Libras, conclui-se que tal língua é natural, viva e, principalmente, está em constante evolução. Denotando que a quantidade dos sinais é ilimitada, abrindo espaço para o surgimento de novos sinais, com outras perspectivas fonológicas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. A.; COUTINHO, A.; DELGADO MARTINS, M. R. **Para uma gramática da língua gestual portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1994.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira**. 2 ed. São Paulo, Edusp. p. 1479 – 1487. Vol. 1. 2001.

FARIA-NASCIMENTO, S. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica**. 290f. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

FELIPE, T. A. **Os Processos de Formação de Palavra na Libras**. ETD – Educação Temática Digital. Campinas, SP, 2005. v.7, n.2, p.200-217.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em contexto**: curso básico, livro do professor instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HOITING, N.; SLOBIN, D. I.. Transcription as a tool for understanding: the Berkeley Transcription System for sign language research (BTS). In: G. Morgan & B (Eds) **Directions in sign language acquisition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 2002. p. 55-75.

MARINHO, M. L. **Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF**. 231f. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PROMETI, D. **Terminologia da língua de sinais brasileira: léxico visual bilíngue dos sinais-termo musicais – um estudo contrastivo**. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, p.260, 2020.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

STOKOE, W. **Sign language structure**. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978 [1960].

STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais/ Secretaria de Estado da Educação**. Superintendência de educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SUBMETIDO EM: 31/10/2022

ACEITO EM: 12/09/2023